

A turbulência dos mercados internos, como também externos, são decorrentes de acontecimentos mundiais, os quais geram o momento de grande instabilidade vivido nestas últimas semanas.

Todos os mercados são voláteis, sem exceção, entretanto, aqueles de maior liquidez normalmente antecipam os acontecimentos, tendo variações maiores que a razão poderia prever. Pode-se utilizar a frase popular que define o “bolso” como a parte mais sensível do corpo, e assim sendo, se a análise indica algo bom, a ambição espera sempre mais, ao contrário, se for ruim, bem, “farinha pouco meu pirão primeiro”.

O mundo ficou mais pobre, isso mesmo, todo o mundo. A riqueza dos poupadores foi reduzida de forma global e abrupta. Alguns escritores criaram livros de ficção tentando identificar uma possível ocorrência de contágio de todas as economias e nações (para quem aprecia, recomendo a leitura do livro escrito por Ivan Sant'Anna, nascido no Rio de Janeiro, 1940, sob o título Os mercadores da noite, (BM&F, 1996; Rocco, 1997; Sextante, 2008, Arqueiro, 2015, Inversa 2017), talvez o que se viu nesta semana foi uma história a ser contada nos futuros livros como um marco do século XXI.

Há o que possa ser feito para evitar a perda? Não! Somente no Brasil rentista, de dólar baixo e juros estratosféricos, onde as pessoas não pensavam nos preços de mercado, adquiriam os títulos e os levavam a resgate, se apropriando de ganhos inimagináveis para os padrões mundiais. Esse tempo não está erradicado, convive na memória do povo. Assim, o que vem ocorrendo parece o próprio apocalipse. Se não há como evitar o que fazer? Diversificar! Uma carteira de ativos diversificada perderá, mas, a perda será menor, pois, alguns preços cairão muito e outros menos, fazendo um resultado mais palatável, ainda que de perda.

Imagine dois ativos, o primeiro com uma queda de 10% e o outro de 30%, cuja carteira teria alocado 50% dos recursos em cada um. Qual o resultado? Se estivesse tudo em um só, haveria que se ter sorte de estar no primeiro, mínima perda. No segundo seria o desastre. A melhor sem dúvida, para evitar a sorte, é ter parte nos dois. Voltando ao exemplo, o resultado seria de queda de 20%.

Com essa ideia em mente, apoiado em modelos estatístico-matemático, selecionam-se os ativos das carteiras dos planos geridos pela Fundação São Francisco. A melhor notícia do emprego dessas metodologias consiste em estabelecer estratégias de investimento visando o ganho a longo prazo, sem desprezar a necessidade de recursos para atendimento da liquidez de curto prazo; o curto prazo aqui é o atendimento ao pagamento dos benefícios pelos próximos 3 anos, no mínimo.

Numa prévia, elaborada para que você, participante, possa acompanhar o desempenho do seu plano, a tabela abaixo apresenta o que já se conseguiu nesses primeiros dias de março, até dia 11. Ela compara a rentabilidade acumulada de cada plano e o desempenho dos investimentos iniciados em setembro, quando as carteiras foram reposicionadas.

POSIÇÃO EM 11/03/2020					
PLANOS		FUNDOS INVESTIDOS		INDICADORES	
DENOMINAÇÃO	RENTAB %	DENOMINAÇÃO	RENTAB %	INDICES	RENTAB %
BENEFÍCIO DEFINIDO - BDI	-4,77%	FIA SF SAGA	-18,66%	IBOVESPA	-18,24%
BENEFÍCIO SALDADO - BD III	-3,95%	ICATÚ DIVIDENDOS	-14,46%	IDIV	-20,62%
CODEPREV - CD II	-5,78%	FIM OCCAM	-0,25%	SMALL CAPS	-28,45%
PGA	-4,08%	PLURAL RF	0,11%	CDI	0,13%

As desvalorizações das carteiras de investimentos dos 4 Planos geridos pela São Francisco (BDI; BDIII; Codeprev; e PGA) estão abaixo de 6%, em que pese o índice BOVESPA apresentar variação de -18,24%, portanto, o fato demonstra o acerto na adoção da estratégia de investimento.

É certo que a turbulência está impondo a todos os fundos uma variação negativa de grandes expressões, incidentes sobre todos os ativos componentes das suas carteiras, entretanto, há a expectativa quanto a retomada do comportamento adotado no planejamento, com a recuperação dos preços e novos ganhos, ainda dentro deste exercício.

Reafirma-se, por oportuno, o que acima foi citado, relativamente a preservação da liquidez visando garantir o cumprimento das obrigações dos planos para com seus participantes, ou seja, há investimentos de baixíssimo risco que vencerão nos próximos 3 anos, praticamente fora do alcance das quedas de preços vivenciadas.